

MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA NA MÍDIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS ENTRE PAZ E CONFLITO

Julia Barboza Colman Silva
Carolina Moura Klautau de Araujo Figueiredo
Universidade Anhembi Morumbi
Jornalismo, Campus Mooca
carolina.klautau@ulife.com.br

Introdução

A mutilação genital feminina (MGF) é uma prática que representa uma das mais graves violações dos direitos humanos de meninas e mulheres, sendo frequentemente naturalizada em contextos socioculturais marcados por estruturas patriarcais. Estima-se que mais de 200 milhões de mulheres e meninas tenham sido submetidas à MGF no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Em sua obra *Mutilada* (2007), Khady Koita relata de forma autobiográfica os traumas físicos e psicológicos sofridos após ser submetida à prática ainda na infância, evidenciando não apenas a brutalidade do ato, mas também a pressão social imposta às mulheres para manter tradições violentas. Diante de tais violações, muitas mulheres buscam o refúgio como forma de garantir sua sobrevivência e dignidade. O Brasil, por meio da Lei nº 9.474/97, reconhece a possibilidade de concessão de refúgio por motivos de perseguição de gênero, enquadrando situações como a MGF, o casamento forçado e a violência sexual.

Nesse cenário, o jornalismo brasileiro tem uma função social relevante, especialmente quando se pauta pelos princípios dos Estudos para a Paz, conceito desenvolvido por Johan Galtung (1989). Nessa esfera, há alguns anos, o jornalismo passou a ser estudado pelo viés da paz ou do conflito, com a proposição de uma prática jornalística comprometida com a transformação de conflitos e a promoção dos direitos humanos (Cabral; Salhani, 2017). Em vez de apenas noticiar casos de violência, essa abordagem busca entender suas causas estruturais e dar voz às vítimas, contribuindo para uma cultura de paz. No entanto, observa-se que a cobertura da MGF e do refúgio feminino ainda é escassa ou superficial na mídia nacional, o que compromete o potencial do jornalismo como ferramenta de conscientização e mudança.

A compreensão da mutilação genital feminina (MGF) como fenômeno social e violação de direitos humanos requer uma análise que integre dimensões culturais, políticas e jurídicas. As obras de Khady Koita (2005) e Larissa Tomazoni (2017), ambas sobre a mutilação genital feminina, e de Hannah Arendt (1943), a respeito do refúgio, contribuem de forma significativa para a reflexão sobre as implicações dessa prática, tanto no âmbito da violência de gênero quanto na busca por refúgio como forma de proteção.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo analisar de que forma o jornalismo brasileiro tem abordado a mutilação genital feminina no contexto do refúgio, investigando se há uma narrativa alinhada com os princípios do jornalismo para a paz e com a promoção dos direitos das mulheres. A relevância do estudo está em evidenciar a importância de uma cobertura jornalística humanizada, informada e comprometida com a justiça social, especialmente em um contexto global marcado por fluxos migratórios forçados e desigualdades de gênero.

O corpus da pesquisa é composto por reportagens publicadas em veículos jornalísticos brasileiros de ampla circulação e acesso digital: *G1*, *Terra*, *Revista Galileu* e a versão brasileira da *BBC News*. A escolha desses portais justifica-se por sua influência no cenário informativo nacional, diversidade editorial e capacidade de produzir reportagens que mesclam atualidade, ciência, comportamento e direitos humanos. Os textos que compõem o corpus de pesquisa são: "Naquele momento, só queria morrer", conta mulher mutilada - *Terra* (2014); "Abrigo na Tanzânia protege meninas de 'temporada de mutilação' - *BBC News Brasil* (2015); "A dor de urinar, menstruar e dar à luz após mutilação genital" - *BBC News Brasil* (2016); "O drama silencioso da mutilação genital feminina na Colômbia" - *BBC News Brasil* (2016); "Mutilação genital feminina: o que é e por que ocorre a prática que afeta ao menos 200 milhões de mulheres" - *BBC News Brasil* (2019); "'Mutilação genital foi meu 'prêmio' por passar nas provas da escola'" - *BBC News Brasil* (2021) ; "Luto com ideia de toque físico': as mulheres que buscam cura após a mutilação genital feminina" - *G1* (2023); "Mutilação genital feminina é a principal causa de morte de meninas na África" - *Revista Galileu* (2025).

A metodologia se baseia na análise de reportagens jornalísticas publicadas entre os anos de 2014 e 2025, buscando identificar os enquadramentos utilizados pelos veículos, as fontes acionadas, a linguagem adotada e empática e voltada para a transformação social.

As reportagens selecionadas são analisadas com base em categorias previamente definidas pelo Jornalismo para a Paz (Cabral; Salhani, 2017), tais como o tipo de linguagem empregada (informativa, sensacionalista, empática, educativa); o uso de dados e fontes (organismos internacionais, especialistas, vítimas, organizações civis); os contextos em que o tema aparece (datas comemorativas, campanhas, denúncias) e os enquadramentos narrativos predominantes (cultural, de saúde pública, de direitos humanos, de violência de gênero). A análise buscará observar também de que forma os textos jornalísticos dialogam com outros valores do Jornalismo para a Paz, como a escuta ativa, a contextualização sociocultural, o estímulo à reflexão crítica e a promoção da dignidade humana.

A análise das reportagens selecionadas evidencia que todas adotam abordagens discursivas que privilegiam a centralidade das vítimas de mutilação genital feminina (MGF). Os textos concedem espaço para que as sobreviventes relatem, em primeira pessoa, suas experiências, sofrimentos e trajetórias de recuperação, reforçando a humanização do fenômeno estudado. As matérias enquadram a MGF como uma grave violação dos direitos humanos, oferecendo contextualizações históricas, sociais e culturais que contribuem para a compreensão das razões que sustentam a continuidade da prática em diferentes regiões.

Além de descreverem os impactos físicos e psicológicos da MGF, as reportagens apresentam iniciativas de enfrentamento — como abrigos de proteção, ações comunitárias, intervenções médicas e programas de conscientização — evidenciando caminhos potenciais para a superação da violência. Dessa forma, observa-se que essas narrativas vão além da simples exposição do trauma, promovendo empatia, reflexão crítica e visibilidade às soluções possíveis. Esse enfoque está alinhado aos princípios do jornalismo para a paz propostos por Johan Galtung (1989), que defende uma cobertura que contribua para a resolução de conflitos e para a promoção da compreensão, em vez de reforçar antagonismos ou polarizações.

Conclusão

A análise das reportagens sobre mutilação genital feminina (MGF) evidencia que o jornalismo brasileiro, de modo geral, adota abordagens humanizadas, priorizando a voz das vítimas e contextualizando a prática em suas dimensões culturais, sociais e históricas. As matérias destacam os impactos físicos e psicológicos da MGF, ao mesmo tempo em que apresentam iniciativas de proteção e superação, promovendo empatia e reflexão crítica.

Esse enfoque está alinhado aos princípios dos Estudos para a Paz, propostos por Johan Galtung (1989), ao transformar a cobertura jornalística em instrumento de conscientização e promoção dos direitos humanos, em vez de apenas relatar conflitos ou violências. O estudo evidencia, ainda, a importância de ampliar e aprofundar a cobertura sobre violência de gênero e refúgio feminino, consolidando o papel da mídia na promoção da dignidade, da proteção social e da construção de políticas públicas mais eficazes.



Bibliografia

GALTUNG, Johan. Jornalismo para a Paz. In: Cadernos do Terceiro Mundo, n. 6, 1989. Acesso em: [13. Nov. 2025]

ARENDT, Hannah. Nós, os refugiados. Tradução Monte Mascaro, Luciana Garcia de Oliveira, Thiago Dias da Silva. Barueri: Amariyls, 2016. (Orig. publicado 1943.). Acesso em: [13. Nov. 2025]

KOITA, Khady. Mutilada. Tradução Rejane Janowitzter. Lisboa: Edições ASA, 2006. 192 p. Acesso em: [13. Nov. 2025]

TOMAZONI, Larissa Ribeiro. “Mutilação genital feminina e concessão de refúgio com base no gênero”. In: Anais do I Seminário sobre Direitos Fundamentais e Democracia: Migrações. Curitiba (PR): UNIBRASIL / Even3 Publicações, 2016. Acesso em: [13. Nov. 2025].

Naquele momento, só queria morrer. Conta mulher mutilada. Terra, 2014. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/naquele-momento-so-queria-morrer-conta-mulher-mutilada>>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Abrigo na Tanzânia protege meninas de 'temporada de mutilação'. BBC News Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150401_tanzania_mutila_feminina_fd>. Acesso em: 13 nov. 2025.

A dor de urinar, menstruar e dar à luz após mutilação genital. BBC News Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional/2016/05/160426_mutilacao_genital_depoimen_to_fn>. Acesso em: 13 nov. 2025.

O drama silencioso da mutilação genital feminina na Colômbia. BBC News Brasil, 2016. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-3680971>>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Mutilação genital feminina: o que é e por que ocorre a prática que afeta ao menos 200 milhões de mulheres. BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47136842>>. Acesso em: 13 nov. 2025. 'Mutilação genital foi meu "prêmio" por passar nas provas da escola'. BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56650265>>. Acesso em: 13 nov. 2025.

'Luto com a ideia de toque físico': as mulheres que buscam cura apos a mutilação genital feminina. G1, 2023. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/03/06/luto-com-ideia-de-toque-fisico-as-mulheres-que-buscam-cura-apos-a-mutilacao-genital-feminina.ghtml>>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Mutilação genital feminina é a principal causa de morte de meninas na África. Revista Galileu, 2025. Disponível em:<<https://revistagalileu.globo.com/colunistas/the-conversation/coluna/2025/02/mutilacao-genital-feminina-e-a-principal-cao-de-morte-de-meninas-na-africa.ghtml>>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Agradecimentos

Jamais imaginei escrever uma Iniciação Científica; acreditava que era algo que eu não conseguiria realizar. Por isso, gostaria de agradecer à minha professora Carolina Klautau, doutora em Comunicação, pela oportunidade, pelas orientações e por, mesmo sem saber, mostrar que sou capaz de alcançar coisas que eu não imaginava. Agradeço também à minha turma de Iniciação Científica de segunda-feira por todas as colaborações e pelo apoio durante todo esse projeto. Devemos nos orgulhar de onde chegamos. Por fim, agradeço à Universidade Anhembi Morumbi e ao Ecossistema Ânima pelo incentivo à pesquisa e pelas oportunidades acadêmicas.